**Escola Secundária Dr. Manuel Fernandes**

**Teste de Avaliação nº6**

**PortuguÊs – 12º Ano**

**2017/2018**

**GRUPO I (140 pontos)**

Lê, com atenção o seguinte poema.

**A**

**Ressurreição**

|  |  |
| --- | --- |
| **5**  **10** | Porque a forma das coisas lhe fugia,  O poeta deitou-se e teve sono.  Mais nenhuma ilusão lhe apetecia,  Mais nenhum coração era seu dono.  Cada fruto maduro apodrecia;  Cada ninho morria de abandono;  Nada lutava e nada resistia,  Porque na cor de tudo havia Outono.  Só a razão da vida via mais:  Terra, sementes, caules, animais,  Descansavam apenas um momento.  E o vencido poeta despertou  Vivo como a certeza de um rebento  Na seiva do poema que sonhou.  Miguel Torga, *Libertação* (Coimbra, 1944), *in*  *Poesia Completa*, Vol. I, Lisboa, Dom Quixote, 2007, p. 179. |

1. Apresenta, com base nas duas quadras, quatro razões que justifiquem o sono do poeta.

**O poeta «deitou-se e teve sono» porque nada motivava ou inspirava a sua arte poética: não tinha sentimentos amorosos («nenhum coração era seu dono»), estava incapaz de viver ilusões («Mais nenhuma ilusão lhe apetecia»); tudo nele e à sua volta era decadência e abandono («Cada fruto maduro apodrecia; / Cada ninho morria de abandono»). Tudo aponta para o desaparecimento e morte do poeta.**

1. Estabelece uma relação entre o primeiro terceto e o «despertar» do poeta.

**No primeiro terceto, fica claro que o adormecimento do poeta, referido anteriormente, se integra na «razão da vida» porque só esta é capaz de perspetivar a organização cíclica, o ritmo das estações do ano. Assim, se no inverno a natureza descansa, na primavera a natureza acorda e os seus rebentos brotam. O mesmo acontece ao poeta que, após ter «adormecido», «hibernado», «desperta» do seu sono capaz de deitar os seus rebentos: o poema.**

1. Analisa a expressividade da metáfora final do poema, relacionando-a com o título.

**A metáfora associa o ofício do poeta à Natureza. O poeta, após ter «adormecido» (no período do inverno), acorda com a energia da Natureza em plena primavera: a sua seiva, cheia de vitalidade, está pronta para gerar nova vida. Da mesma forma, a «seiva do poema» está pronta para dar vida a nova arte poética que significará a ressurreição do poeta que se anuncia no título.**

**B**

Lê o seguinte excerto de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, de José Saramago.

A regeneração da Europa caminha a passos de gigante, primeiro foi a Itália, depois Portugal, a seguir a Alemanha, agora a Espanha, esta é a boa terra, esta a semente melhor, amanhã ceifaremos as messes. Como escreveram os estudantes alemães, Nós não somos nada, aquilo mesmo que murmuraram, uns para os outros, os escravos que construíram as pirâmides, Nós não somos nada, os pedreiros e os boieiros de Mafra, Nós não somos nada, os alentejanos mordidos pelo gato raivoso, Nós não somos nada, os beneficiários dos bodos misericordiosos e nacionais, Nós não somos nada, os do Ribatejo a favor de quem se fez a festa do Jockey Club, Nós não somos nada, os sindicatos nacionais que em maio desfilaram de braço estendido, Nós não somos nada, porventura nascerá para nós o dia em que todos seremos alguma coisa, quem isto agora disse não se sabe, é um pressentimento.

Lídia, que também tão pouco é, fala Ricardo Reis dos sucessos do país vizinho, ela conta-lhe que os espanhóis do hotel celebraram o acontecimento com uma grande festa […]. E tu, perguntou Ricardo Reis, que pensas tu da Espanha, do que lá se está a passar, Eu não sou nada, não tenho instrução, o senhor doutor é que deve saber, com tantos estudos que fez para chegar à posição que tem, acho que quanto mais alto se sobe, mais longe se avista, Assim em cada lago a lua toda brilha, porque alta vive1, O senhor doutor diz as coisas duma maneira tão bonita, Aquilo, em Espanha, estava uma balbúrdia, uma desordem, era preciso que viesse alguém pôr cobro aos desvarios, só podia ser o exército, como aconteceu aqui, é assim em toda a parte, São assuntos de que eu não sei falar, o meu irmão diz, Ora, o teu irmão, nem preciso de ouvir falar o teu irmão para saber o que ele diz, Realmente, são duas pessoas muito diferentes, o senhor doutor e o meu irmão, Que diz ele, afinal, Diz que os militares não ganharão porque vão ter todo o povo contra eles, Fica sabendo, Lídia, que o povo nunca está de um lado só, além disso, faz-me o favor de me dizeres o que é o povo, O povo é isto que eu sou, uma criada de servir que tem um irmão revolucionário e se deita com um senhor doutor contrário às revoluções […].

José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, 21ª ed.,

Alfragide, Editorial Caminho, 2013, pp. 525-526.

1. Explicita as críticas veiculadas pelo narrador no primeiro parágrafo, fundamentando a tua resposta com citações textuais pertinentes.

**O narrador critica, ironicamente, a política de hegemonia europeia levada a cabo pela Itália, Portugal, Alemanha e, também, por Espanha, onde esta ação estava a ser conduzida através da violência («amanhã ceifaremos as messes»). Critica, igualmente, a exploração e a alienação do povo ao longo dos tempos, que sempre foi reduzido a «nada» («Nós não somos nada»), desde «os escravos que construíram as pirâmides», «os pedreiros e os boieiros de Mafra», «os alentejanos mordidos pelo gato raivoso», «os beneficiários dos bodos misericordiosos e nacionais», «os do Ribatejo a favor de quem se fez a festa do Jockey Club», «os sindicatos nacionais que em maio desfilaram de braço estendido», situação que ainda se mantém.**

1. Explica de que forma as intervenções de Lídia contribuem para a sua caracterização.

**Lídia, ao afirmar não ser «nada», não ter instrução e de se considerar um bom exemplo do que é ser o povo, revela ser capaz de formar uma opinião própria, de ter o discernimento e a inteligência necessários para compreender e analisar o que se passa à sua volta, realçando-se, assim, a sua força de caráter e a sua excecionalidade.**

**GRUPO II (60 pontos)**

São cada vez mais aqueles que decidem mudar de vida, abandonando a cidade. Foi o que aconteceu com Teresa e Estêvão:

«A mudança da vida agitada da cidade para a tranquilidade do campo não se estranhou, antes entranhou-se neste casal lisboeta. “A quinta é um projeto também ele absorvente e embora os ritmos sejam outros, ocupa-nos o tempo todo”, diz Estêvão, apoiado por Teresa, “o trabalho aqui nunca acaba, há sempre coisas para fazer, coisas novas, nada é rotineiro, e quando gostamos daquilo que fazemos, fazemo-lo com prazer, damo-nos de alma e coração. Era assim também na minha profissão. A diferença é que aqui existe uma paz que não existia em Lisboa”.»

Disponível em http://www.noticiasmagazine.pt/2014/viver-no-campo/#ixzz4b2QNpIXd

(consultado em 11 de março de 2017)

Num texto bem estruturado, de **duzentas a trezentas** palavras, defende um ponto de vista pessoal sobre a opção de vida no campo ou na cidade.

Fundamenta o teu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustra cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

**Sugestão de tópicos de resposta:**

**(Tese)**

A opção de vida no campo é uma opção que se coaduna com os novos conceitos de qualidade de vida.

**(Argumento 1)**

As pessoas, atualmente, entendem que a qualidade de vida deve passar pelos ritmos mais calmos e por evitar a banalização do stresse das grandes cidades; **(exemplo)** O Caso de Estevão e de Teresa, citado no texto é um entre muitos outros conhecidos atualmente e que têm lugar um pouco por todo o mundo dito «desenvolvido».

**(Argumento 2)**

A opção de vida no campo permite recuperar e revitalizar zonas do país que estão desertificadas ou subdesenvolvidas, permitindo também a exploração de outros setores de atividade. **(exemplo)** Estas novas tendências e a revitalização territorial e económica ficam patentes no desenvolvimento da agricultura biológica, da criação de espécies, atividades desenvolvidas por jovens que optaram por abandonar a cidade, preferindo apostar neste perfil de vida no campo.

**(Conclusão)**

Embora a cidade continue a apresentar fortes atrativos de fixação da população, a opção de vida no campo poderá constituir uma opção que privilegia tanto o bem-estar individual e qualidade de vida como a sustentabilidade económica com consequências positivas no desenvolvimento do país.